

PREÂMBULO

NARCISISMO

Compomos uma sociedade narcisista, obsessivamente voltada para a imagem, a moldura, a avaliação alheia. Por isso, nos escravizamos, nos rendemos à opinião de terceiros, ao que “os outros vão pensar”. Buscamos assim, com o sacrifício pessoal, de nossa individualidade, nossos gostos, atender as expectativas e exigências sociais.

Somos levados até mesmo a exageros, a exibirmos totens, objetos de poder (casa, roupas, carros, viagens, joias) só para nos satisfazermos ou nos promovermos socialmente. Nos sacrificamos, evitando ser criticados ou para nos exibirmos, ainda que á custa de dívidas, de desgastes, quando não desastres.

Passamos a viver escravizados em função de imagem, status, aparência, o não essencial. Tornamo-nos reféns de caprichos da moda, de dominadores cruéis, sedutores, cínicos como a propaganda mercantilista, o deus mercado. Se não pensarmos, agimos, sentimos diferente dele, somos tachados de “brega”, “derrotados”. Isso não quer dizer, momento algum, que não devemos nos cuidar, despreocuparmo-nos de nossa aparência, nossa estética, nossos negócios. O que se pretende é que devemos ter e manter sempre uma postura madura, nossa formação consolidada, sem que nos tornemos escravos ou manipulados por poderes exógenos.

Tanta coisa a se fazer: sonhos a serem realizados, amizades a serem constituídas; o altruísmo, a temperança a serem exercitados; oportunidades positivas, em todos os campos (profissional, social, artístico, intelectual etc) a serem trabalhadas; a responsabilidade cívica, cidadã a ser reforçada, aprimorada.

Uma sociedade evoluída age pela cooperação, pela mutualidade – não pela competição desenfreada, pela predação moral e ambiental, como se pode observar. Uma sociedade madura se rege pela generosidade, entendendo que todos temos oportunidades, talentos; que todos os bens são para usufruto coletivo e jamais propriedade de privilegiados, contraventores e usurpadores.

Tem o ser humano, deploravelmente, a ingenuidade de brincar com coisas sérias, com valores divinos, em especial os abusos praticados contra o seu semelhante e o planeta que nos abriga. Mas com leis divinas não se brinca! Quando um ser cai, toda a sociedade cai; quando alguém se eleva, a cada “pecador que se salva”, todos somos justificados, aprimorados.

Um caixa nervoso

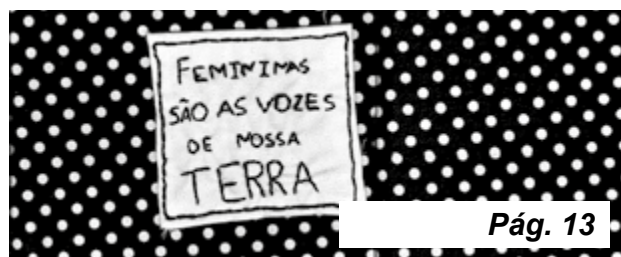
Quem mora hoje em São Tiago conta com serviços financeiros perto de casa, incluindo os do Sicoob Credivertentes, fazendo história na comunidade há mais de 30 anos. Nos anos 1970, porém, a história era outra. E forçava empreendedores como Ivanir Mendes a se deslocarem para outras cidades, incluindo São João del-Rei, para as mais simples transações. Uma dessas viagens culminou com um caixa de agência batendo desesperado à sua porta. Detalhe: já era madrugada. Conheça os detalhes dessa história na

Pág. 03

A nova capital

"Instaurada a República em 15 de novembro de 1889, a nova forma presidencialista de governo tinha como filosofia a modernização do país. Em Minas, embora a capital Ouro Preto representasse um passado colonial e imperial, entendia-se que o local deveria ser preservado por ter sido berço da Inconfidência Mineira, mas a despeito disso, sentia-se a necessidade de mostrar a todo o Brasil uma nova capital mineira, símbolo da modernidade, e que assegurasse a unidade territorial que estava ameaçada pelas oligarquias do Sul e da Zona da Mata. Quando estavam acalorados os debates sobre a mudança da capital mineira, em 7 de abril de 1981 foi instalado o Congresso Constituinte Mineiro".

Pág. 12



Pág. 13

Turismo Histórico

Berço de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, a Fazenda do Pombal é patrimônio histórico nacional aberto a visitas gratuitas na nossa região - mais especificamente no território de Ritápolis. Ali, além das ruínas da casa onde o inconfidente nasceu, está natureza exuberante e localização privilegiada entre municípios ricos em gastronomia, artesanato e outras tradições. Confira relato de um casal de influenciadores digitais.



Pág. 14

ADIVINHAS

- 1-Branca larada, que vai pela estrada, não fia, não tece e seus filhos veste
- 2- Sou da água terra e ar e quando de andar me canso, ora me ponho a voar, ora decido mergulhar.
- 3- Canto na beirinha, vivo na água, não sou peixinho nem sou cigarra
- 4- Se mudar uma letra no meu nome, irá aparecer o nome do meu maior inimigo. Quem sou?

Resposta: 1- ovelha; 2- pato; 3 - sapo; 4- gato

Provérbios e Adágios

Provérbios Brasileiro

“De grão em grão a galinha enche o papo”. Este provérbio é rico em ensinamentos. As coisas pequenas aos poucos fazem um monte. Não queira resolver tudo de uma vez: vá resolvendo aos poucos. Não fique esperando que a comida venha a você: procure, esforce-se, conquiste, valorize seu trabalho, não importa qual seja, exija salário justo. Salário justo é aquele que é suficiente para você e seus dependentes viverem humanamente bem. Não despreze o pouco por ser pouco, some o pouco com outros poucos e forme o bastante, o suficiente. Há outro provérbio universal parecido: “Um grão não enche o celeiro, mas ajuda o companheiro”. Diz a mesma coisa um provérbio asiático: “Uma gota não enche o copo, mas sem as gotas o copo ficará sempre vazio”.

Frei Clarêncio Neotti, OFM
encotti@yahoo.com.br



Para refletir

• A narrativa adia a morte, ativa o imaginário, mantém viva a memória, salva as ações humanas do esquecimento e da morte. (André Bueno)

A civilização é um movimento e não um estado. É uma viagem e não um ponto. (Arnold Toynbee)

“Em toda parte deve ser dado um início. Se agora há pessoas que acham que em nossa obra algumas coisas são imperícias, então podem ter certeza de que aquelas que participam dessa obra encontrarão muito mais imperfeições do que as que criticam. Certamente, há coisas a serem criticadas que aquelas pessoas que somente as olham nem descobrem, mas isso não é o que interessa: o que realmente interessa é que se dê um início às coisas que devem acontecer. Não se trata da perfeição com que podemos executar aquilo que deve ser almejado, o que importa é que aquilo que aqui deve ingressar na vida, por mais imperfeitamente que nela ingresse, seja feito de uma vez, que seja dado um início. Pois tudo o que entra no mundo como algo novo é imperfeito perante aquilo que subsiste como velho. O velho vive como o grau mais elevado e o novo ainda está engatinhando: isso é óbvio.”

Rudolf Steiner, em 28 de dezembro de 1914, ao falar da construção do Goethanum

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

CHEGADA DO HOMEM A LUA COMPLETA 50 ANOS

No dia 20 de julho de 1969, o astronauta Neil Armstrong entrou para a história como o primeiro homem a pisar o solo lunar seguido pelo astronauta Edwin Aldrin, os quais caminharam por 3 horas no mar da Tranquilidade.

A nave Apolo 11 tinha sido lançada de Cabo Canaveral na Flórida (EUA) na tarde de 16 de julho de 1969, levando a bordo os astronautas Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins e quatro dias após chegaram a superfície lunar. Um dos maiores feitos do ciclo ou corrida espacial entre EUA e URSS iniciada em 1957 com o lançamento do Sputnik, 1º satélite artificial a orbitar a Terra. A Apolo 11 era composta pelo módulo do Comando Columbia, o módulo lunar Eagle e o módulo de serviço.

A missão que duraria 8 dias foi lançada por um foguete Saturno V do Centro Espacial da Flórida e era a 5ª missão tripulada da NASA.

A alunissagem foi transmitida ao vivo mundialmente pela televisão. Ao pisar na Lua, o astronauta Neil Armstrong proferiu as célebres palavras: “É um pequeno passo para um homem, um passo gigantesco para a humanidade”.

Receberiam os astronautas em seu retorno a Terra muitas homenagens, sendo Richard Nixon o presidente dos EUA à época.



IMAGEM DE WIKIMÉDIAS POR PIXABAY

MUNDO MENSAGENS

Neste Natal que a luz do amor e da paz brilhe na sua casa, e o Ano Novo traga muitos dias felizes e prósperos!

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



AO PÉ DA FOGUEIRA UM CAIXA NERVOSO...

São Tiago não contava com agências bancárias, por aqueles tempos – inícios, meados de 1970.⁽¹⁾ Ivanir Mendes⁽²⁾, como tantos outros empresários e população local, tinham que se virar. Movimentação de cheques, boletos, pagamentos, recebimentos, empréstimos, enfim, todos os serviços bancários tinham que ser realizados em cidades próximas, como São João del-Rei, Oliveira, Bom Sucesso.

Uma odisséia, o deslocamento diário em ônibus, praticamente três horas por precárias estradas de terra, despesas forçadas com a viagem (passagens, refeições) e ainda o enfrentar longas filas nos estabelecimentos bancários nas referidas cidades⁽³⁾. O risco, ademais, de assaltos, ao se transitar com dinheiro vivo. Afinal, horas preciosas, dias inteiros de serviço perdidos. Transtornos, em suma, de toda ordem.

Responsável pela administração gerencial e financeira das Organizações Mendes – poderoso grupo agrocomercial e de transportes criado por seu pai, sr. Vicente Mendes, com dezenas de fornecedores e funcionários⁽⁴⁾– Ivanir deslocava-se, praticamente todos os dias, pelas cidades da região, a fim de resolver problemas, que, em sua maioria, dependiam de bancos. Descontos de cheques, cobertura de títulos, pagamento de tributos e de funcionários, seguros, liquidação de compromissos financeiros, tudo realizado na boca do caixa ou eventualmente na mesa do gerente, operações que envolviam muita responsabilidade e dinheiro!

Numa de suas muitas idas, a uma agência bancária oficial em São João Del-Rei, Ivanir – após enfrentar uma fila quilométrica e de horas – vê-se atendido pelo caixa, visivelmente nervoso, agitado. Era dia de pagamento de funcionários públicos, clientes se acotovelando na interminável fila, muitos irritados, pessoas se empurrando, se engalfinhando, impropérios à solta, pequenas cenas

de pugilato, até. Um furdúncio reinava em todo o ambiente. Ivanir realiza dezenas de operações: paga, deposita, saca, desconta... Minutos preciosos no guichê. Pela suas contas, entre depósitos e saques, teria ele direito a pequena devolução. Ao final do atendimento, porém, uma surpresa. O caixa devolve-lhe, indevidamente, uma “gorda” quantia. Ivanir, percebendo o erro, diz-lhe: - Há um equívoco aqui. Você devolveu-me a... Não pode terminar as palavras. O caixa, exacerbado, colérico, com inequívocos, gritantes sinais de estresse, responde: - Não aceito reclamações. E, por favor, chispe-se!, fazendo sinal para o próximo cliente, que, a essa altura, com vigoroso golpe de braço, empurrara Ivanir para fora do ringue, ou seja do guichê, em fulminante, inusitado nocaute.

Ivanir busca uma fórmula de devolver o valor que lhe fora entregue, a maior. Impossível falar com o caixa, de onde fora expulso, o guichê tomado já por vários e irascíveis clientes. Recorre a outro funcionário que perambulava, aflitivo, vertiginoso, pela agência. Não recebe a menor atenção. Falar com o gerente, algo inacessível. Inúmeros outros clientes à espera. Ambiente, enfim, conturbado, tenso. Sem opções, Ivanir retorna a São Tiago, pela tardinha, recolhendo o “bom” dinheiro extra ao cofre. Mês seco, poeira e buracos à solta pelas estradas.

Altas horas, madrugada adentrada, barulho de veículos na praça. Passadas estrepitosas, bater de portas de carro e do portão da residência de Ivanir, que, acorda e busca, insone ainda, verificar quem ali chamava, horas então sonolentas, mortas. Reconhece, de imediato. Era o caixa do dia anterior, ali esbaforido, trêmulo, lívido, acompanhado por dois estranhos. Esclarece que, após o término do expediente bancário externo, ao conferir o caixa, dera pela falta de vultosa quantia, uma diferença substancial, quase de dois a três meses de seu salário. Que, se não localizado, ele teria que reembolsar a instituição bancária empregadora. Deduz, rememorando a cansativa, extenuante jornada daquele dia, lembrara-se de um senhor, cliente contumaz da agência, que reclamara de diferença e ele, caixa, não dera atenção. Poderia estar nele a solução do angustiante problema. Estava, em suma, à procura da “diferença”.

Ante a confirmação, Ivanir busca o valor, entregando-o ao aturdi-do bancário, sem antes reverbera-lo:

- Se você tivesse me dado a mínima atenção, não estaria passando por esse sufoco. Trabalhe, meu amigo, com mais calma, maior controle emocional, ouça um pouco mais as pessoas, os clientes...

Agradecido, ensimesmado, aliviado, o homem tomou do pacote de dinheiro, agradeceu muitíssimas vezes, adentrou o veículo que, já ligado, faróis acesos, imergiu pela longa, poeirenta noite...E naqueles tempos mais umas três horas de viagem...

NOTAS

(1) *Fato comum no século passado e ainda nos nossos dias. Agências bancárias de grupos privados ou até mesmo oficiais, que, abertas com todo estardalhaço, mas fechavam, de uma hora para outra, nas pequenas cidades. Anoiteciam, mas não amanheciam, deixando populações à míngua e ao desamparo financeiro-creditício e de prestação de serviços.*

Carência que vem sendo solucionada, ultimamente, pela implantação de cooperativas de crédito, que sendo propriedade dos associados, portanto, uma instituição comunitária, minimizando-se o risco de encerramento súbito de atividades.

(2) *Ivanir Mendes, um dos maiores vultos da história são-tiaguense, sem dúvida. Empresário, político, líder social, teve destacada participação na vida da comunidade, merecendo destaque: Presidente da Banda da Música, do Setor Local da CNEC (órgão mantenedor do antigo Ginásio e Colégio Normal Santiaguense), associado fundador do SICOOB CREDIVERTENTES,*

Sempre atuante, muito contribuiu com a Paróquia em eventos promocionais e assistenciais (alimentação e moradia popular, leilões beneficentes,

(3) *A população local muito deve aos srs. José Geraldo da Silva (Zé Sales) e sr. José Murilo, proprietários da antiga Casa Caçula, em São João Del-Rei. Muitas pessoas que tinham assuntos a resolver nos bancos e comércio de São João Del-Rei, por comodismo ou à falta de outras opções, pediam favores aos dois empresários, que largavam suas atividades comerciais, ficando horas e horas em filas.*

(4) *Sobre o sr. Vicente José Mendes, grande empresário e líder político são-tiaguense, ver matérias em nossos boletins nºs ...*



Texto do Sr. Joãozinho Custódio (João de Sousa Resende)

Recordar é viver

Um neto com 83 anos vividos, a recordar o que foi seu avô, Capitão João Pereira Santiago. Ele tinha esta alcunha de Capitão, não por hierarquia militar, e sim por ser um dos principais homens da vila de São Tiago.

O Capitão, apesar de não possuir cultura (estudo), era muito inteligente, muito trabalhador e hospitaleiro, e no decorrer de sua vida adquiriu alguns patrimônios relatados por sua filha (minha querida mãe Amélia Cândida de Resende, D^a. Melica) e um legado de muitos filhos em seus três casamentos que contarei em seguida.

Sua primeira esposa se chamava Maria Pulcena de Resende. Deste casamento adquiriu dois filhos: José Pereira Santiago (que se casou com Da. Josina Maria dos Reis) e Maria Cristina Resende (Dona Cotinha), que se casou com seu Sabino de Resende.

Destes dois filhos do primeiro casamento o Capitão teve 11 netos sendo, 8 filhos do José Pereira Santiago: João Batista dos Reis (o João Reis da Farmácia), José Augusto dos Reis, Sabino Pereira dos Reis, Maria José Santiago (a Bem, esposa do Sr. Francisco de Melo), Maria Cristina de Lourdes Resende, (esposa do Sr. Tonico Ferreira), Maria da Glória Santiago (a Santa), Maria Cristina Reis (Tita) e Antônia Reis Mendes, (mãe do Padre Nilson Reis) e 3 filhos da Dona Maria Cristina Resende (Cotinha): Mariquinhas (esposa do Sr. José Misael, filho do Sr. Misael Santiago, irmão do Capitão), Laura (esposa do Sr. José Campos) e Sabino Resende (Pai do Juca do Sabino).

A Dona Pulcena faleceu e o Capitão viuviu-se muito moço. Não demorou muito ele procurou outra esposa, vindo esta a ser sua cunhada, a qual era muito simpática e que seria a minha avó: Mecias Cândida de Resende.

Deste Casamento adquiriu 11 filhos.

Carlos Pereira Santiago, Augusto Pereira Santiago (Dudu), Francisco Avelino, João de Deus Santiago, Henrique Pereira Santiago, José Pereira Santiago (Juca Pereira), Carmelina Santiago, Amélia Santiago (D. Melica, minha querida mãe), Gabriela S. (D. Bela), Marieta Santiago e a caçula, Mecias.

O Capitão fica viúvo pela segunda vez, com o falecimento da D. Mecias, que lhe deixou com uma grande prole ainda novos. Ele contou neste período com o auxílio de sua nora, Josina Maria dos Reis, que muito o ajudou em sua casa (Botica) a cuidar de seus filhos.

O Capitão buscou na mesma família sua terceira esposa, a qual era sobrinha de sua primeira esposa, D. Maria Luiza de Resende (Mariquinha da Botica), filha de seu cunhado, José Ferreira de Resende, de modo que seu cunhado passou a ser seu sogro.

Deste casamento nasceram 5 filhos: José Resende Santiago (Pereirinha), Maria Cristina Santiago (Naná, esposa do Sr. Vicente Mendes), Alberto Luz Santiago (Beco), José Alencar Santiago (Dié), e a caçula, Mecias Santiago, (esposa do Sr. Tonico Vitorino)

Destes três casamentos, recordo a família no geral do Capitão, citando filhos, genros e noras e netos a partir do segundo casamento, porque já relatei os do primeiro.



Sr. Joãozinho Custódio
(João de Sousa Resende)

DO SEU SEGUNDO CASAMENTO COM D. MECIAS, SEUS FILHOS:

1- Carlos Pereira casou-se com Balbina da Mata Santiago e deste casamento nasceram: José da Mata Santiago, João Carlos da Mata Santiago, Antonio da Mata Santiago, Geraldo da Mata Santiago, (ex-prefeito da cidade de Bom Sucesso), Onofre da Mata Santiago, Maria de Alacoque Santiago, Irene da Mata Santiago, Dalva da Mata Santiago, Aurea da Mata Santiago, Clélia da Mata Santiago, Rosália da Mata Santiago, Teresa da Mata Santiago.

2- Augusto Pereira Santiago, casou-se com Venância de Alencar Resende e teve os filhos: João Pereira Neto, Francisco José de Resende (Chico da Sesmaria), Adalberto Santiago, Alberto Santiago, Maria Santiago, Mecias Santiago, Aidê Santiago e Zizica Santiago.

3- Francisco Avelino Santiago casou-se com D. Angelina Santiago (filha do Sr. José Severino Gabé, que era irmão do Capitão) e teve os seguintes filhos: José Avelino Santiago, Francisco Avelino Santiago Filho e João Santiago (Dão).

4- João de Deus Santiago faleceu solteiro e teve um filho com a empregada de seu pai, que se chamava Augusta, Geraldo Santiago (Geraldo da Sá Augusta).

5- Henrique Pereira Santiago se casou com Adélia da Mata Santiago. Seus filhos: José de Oliveira Santiago e Messias Natalino Santiago.

6- José Pereira Santiago (Juca Pereira) casou-se com Laura Resende. Seus filhos: José Juca Santiago, Odilon Santiago, João

Pereira Santiago (Dão), Eurico Pereira Santiago (Bibico), Antonia Pereira Santiago e Terezinha Pereira Santiago.

Com o falecimento de D. Laura o Sr. Juca Pereira casou-se novamente com a filha do Sr. Henrique Barcelos, Maria, (com o apelido de Mulata) e tiveram os seguintes filhos: Mecias, Glêdes, Maria do Rosário e Abel.

7- Carmelina Pereira Santiago casou-se com Antonio Morel de Campos Lara. Seus filhos: José Jacinto Lara, Antônio Lara Filho, João Lara Sobrinho, Eugênio Lara, Osvaldo Cruz Lara, Maria (Nhanhá, esposa do Juca Vivas) Antônia (Tonica Lara) Mecias Lara (esposa do Corinto) D. Dídima Lara (esposa de João Coelho Filho).

8- Amélia Cândida de Resende (Melica) casou-se com José Ferreira de Resende (Sr. José Custódio). Seus filhos: José de Sousa Resende (Zezinho Custódio), João de Sousa Resende (autor deste texto), Francisco de Sousa Resende (Chico Custódio), Moacir de Sousa Resende (Cici), Onofre de Sousa Resende, Maria José de Sousa (Nhanhá) e Conceição Aparecida de Sousa (Dote).

9- Gabriela (Bela do Sô Pereira) casou-se com João Pereira Sobrinho (filho de José Severino Gabé). Seus filhos: Conceição Santiago, Mecias S., Rosália S., Mariazinha e Celina Santiago (casada com José Ica).

10- Marieta Santiago casou-se com Hipólito José de Faria. Seus

filhos: Santiago (Santinho), José Gaudêncio, João Santiago, Alfredo Santiago, Godofredo S., Sigefredo S., Moacir S., Sebastião S., Hipólito, Mecias S., Maria S., Alice Gaudencio Santiago, Adélia S., Adelina S., Expedita S., Aparecida S.

11- Mecias Santiago casou-se com João Batista de Sousa (Dico Custódio). Não teve filhos, falecendo na época da gripe espanhola.

DO TERCEIRO CASAMENTO DO CAPITÃO JOÃO PEREIRA, COM D. MARIA LUIZA DE RESENDE (MARIQUINHA), SEUS FILHOS:

1- José Pereira Santiago (o Pererinha, que foi prefeito da cidade de São Tiago), faleceu sem casar, não deixou filhos.

2- Maria Cristina Santiago (Naná) casou-se com Vicente José Mendes e tiveram os filhos: Irani, Ilton, Ivanir, Irimar, Ivani, Ildeu, Ivan.

3- Alberto Luz Santiago(Beco) casou-se com Valdemira Mendes e tiveram os filhos: Tiago e Maria.

4- José de Alencar Santiago (Dié) casou-se com Odete Mendes dos Santos. Seus filhos: Ronaldo, Celso, Antonio Wilson, Cláudio, Ana Maria e Marise.

5- Mecias Santiago, casou-se com Antonio Augusto de Almeida (Tonico Vitorino). Seus filhos: Margarete, Marilane, Genir, Antonio Fernando e Cláudio.

AGORA VOU RECORDAR A VIDA MATERIAL DO CAPITÃO

Ele durante sua vida possuiu alguns bens, principalmente terras. A grande Fazenda do Rio Sujo, com grandes rebanhos vacum e cavalos e também seu jegue de nome Rojer.

O Capitão tinha na fazenda uma fábrica de manteiga. Comprava dos fazendeiros o leite a vintém e depois a tostão. Era um leite que desnatava. A desnatadeira era grande e movida a roda d'água. Desnatava 500litros de leite por hora.

O Capitão possuía também a Fazenda do Capão Grosso, Pasto da Viúva, o Espigão do Mateus, o Espigão da Serrinha, o Sítio da Estiva do Meio e outros.

O Capitão residia na Vila, na Casa da Botica. Era charlatão e farmacêutico prático. Por um livro chamado Chernoviz, manipulava remédio. Tratava pneumonia, qualquer tipo de febre, lancetava tumores e, como não havia dentistas, até dente extraía. Era também parteiro (ele que fez o parto de D. Conceição Mateus, quando nasceu o Padre Tiago Almeida).



Capitão João Pereira Santiago

O Capitão João Pereira foi o fundador da Farmácia São Tiago e primeiro farmacêutico, sendo seguido na profissão por seu filho Francisco Avelino Santiago, seu neto João Batista dos Reis e seu filho Henrique Pereira Santiago, este farmacêutico com Curso Superior, formado pela Faculdade de Farmácia de Belo Horizonte.

Ao lado da Farmácia, o capitão tinha também um armazém de gêneros dos países, sendo este de sua propriedade.

O Capitão, toda manhã ia à Fazenda. O empregado Paiva ia ao pasto do Catimbau e trazia sua mula, Luzerna, e arreeava para ele. Lá ia o Capitão com seu amigo cachorro Vinagre. Só separava dele à noite.

Lá ele administrava o tomador de conta da Fazenda do Rio Sujo, o Lôlô, e vinha almoçar em casa, na Vila.

O Capitão era um grande chefe político do partido chamado Jaunguço. O partido adversário chamava-se Canjeré.

O Capitão era um político oposto à família Caputo.

No começo de sua vida, estava viajando, quando chegou na fazenda de Seu Evaristo de Sousa; era noite e chamou. O Sr. Evaristo respondeu: Isto não é hora, quem chama?

E o Capitão João Pereira respondeu identificando-se.

Seu Evaristo o recebeu. Alta noite o Capitão acordou. Um gemido: Ai Ai Ai, em seguida o Capitão levantou e perguntou: - o que era uma pessoa gemendo tanto?

Seu Evaristo respondeu:

- A minha filha está há horas esperando para dar a luz. O Capitão disse: - Eu já fiz alguns partos, se o Sr. permitir posso fazer o parto de sua filha.

Com poucos minutos a criança nasceu. O Capitão ainda foi dormir.

No dia seguinte o Sr. Evaristo falou com o Capitão:

- Em vez de receber a pousada eu quero saber quanto lhe devo!

O Capitão disse que não era nada. Sr. Evaristo lhe presenteou com uma linda novilha.

E assim foi um pequeno resumo da vida do Capitão João Pereira que faleceu em 1933, aos 82 anos, deixando um legado de 18 filhos, 16 noras e genros, 100 netos e 120 bisnetos e tataranetos. Seu corpo foi sepultado na Igreja do Rosário. Quando esta foi demolida, seus restos mortais foram levados para o cemitério paroquial de São Tiago.

O Capitão deixou uma grande memória, muito saudosa em seus conterrâneos.

Seu neto, que escreve estas lembranças reside em Belo Horizonte, à Rua Frei Luiz de Sousa, 266, Alto dos Pinheiros, e as portas deste rancho

estão sempre abertas para seus conterrâneos e amigos.

Sobre o Capitão João Pereira Santiago ver matéria em nosso boletim nº XXI /junho 2009 pág. 7, e boletim nº XXVII/dezembro 2009 pág. 3.

OBS:

1- A Casa do Capitão, conhecida ultimamente, como casa da Maria do Beco, foi demolida em 2015 pela Prefeitura devido ao seu precário estado.

2- O texto acima foi escrito pelo Sr. Joãozinho Custódio no ano de 1984, tendo ele nascido em 26/02/1901 e falecido em 24/02/2006.

3- Segundo a oralidade, o Capitão João Pereira teve alguns filhos, fora de seus três casamentos. Eram conhecidos: Cristina Santiago que residia em São Paulo, falecida, e José Santiago, conhecido como Zeca da Alicota, que residia na Rua Raul Soares, perto do Chafariz.

(As observações são da Cairu)
São Tiago, outubro de 2019

O viajante Alemão VON ESCHWEGE e sua passagem por nossa região agosto de 1816 (1ª parte)



Dados biográficos - Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855) foi um reconhecido geólogo, geógrafo, arquiteto, paleontólogo e metalurgista alemão que viveu no Brasil de 1810 a 1821, aqui exercendo inúmeras atividades públicas, científicas, empresariais. Sobressaiu-se ainda nas áreas de cartografia, etnologia, estatística e economia. Nasceu em Auer Wasserburg, Hesse, aos 10/11/1777 e faleceu em Kassel Wolfsanger aos 01/02/1855. Também conhecido por Barão Eschwege ou Guilherme von Freiberr Eschwege, era filho de tradicional e aristocrática família militar alemã, descendente de barões medievais. Estudou na Universidade de Gottingen entre 1796 e 1799, tornando-se professor e consultor nas localidades de Clausthal e Richelsdorf (1801) Foi contemporâneo da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e do Iluminismo. Sócio correspondente, ao longo da vida, de várias academias de ciências naturais e mineralógicas como Lisboa, São Petersburgo, Halle, Leipzig etc.

Casado com Sofia de Baumbach, dama da corte do grão-ducal de Weimar, com quem teve um filho.

De formação acadêmica eclética, característica da intelectualidade europeia do século XIX, estudou direito, ciências naturais, arquitetura e paisagismo, mineralogia, ciência e economia política, ciência e economia florestal. Por solicitação de José Bonifácio de Andrada e Silva⁽¹⁾, então professor de metalurgia na Universidade de Coimbra, inúmeros técnicos e especialistas alemães, dentre eles o Barão Von Eschwege, foram contratados pela Coroa Portuguesa para trabalhos de pesquisa e exploração de minas. Em 1802, Eschwege chega a Portugal, onde permanece até 1810, ocupando o cargo de diretor geral de minas. Pode, nesse período, recolher informações geológicas e paleontológicas, sobre técnicas de mineração e administração de minas em Portugal e Colônias, que lhe permitiram publicar diversas obras de caráter científico, granjeando-lhe a amizade e distinção de várias sumidades da época como Goethe, Karl Marx e Alexandre von Humboldt⁽²⁾ Eschwege foi o principal informante do público e da intelectualidade alemã, em especial Goethe, de quem era amigo e que apreciava conversar com o viajante sobre pedras minerais. Esteve, ademais, entre 1803 e 1809 à frente da fábrica de artilharia e aprestos de ferro de Arega, Figueiro dos Vinhos, que fabricava canhões e outras obras e peças em ferro para as forças armadas portuguesas.

O Barão Eschwege no Brasil – Em 1810, Eschwege veio para o Brasil, onde permaneceria até 1821, a convite de D. João VI para reanimar a decadente mineração de ouro, mapeando as riquezas das Minas Gerais⁽³⁾ e trabalhar na nascente indústria metalúrgica. Foi nomeado diretor e curador do Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro, onde passou a ensinar técnicas avançadas de extração mineral. Agraciado com a patente de tenente-coronel brigadeiro, além de ser nomeado “Intendente das minas de ouro”.

Já em 1810, Eschwege iniciou em Congonhas do Campo os trabalhos de construção de uma fábrica de ferro, denominada “Patriótica de São Julião”, um empreendimento privado, sob a forma de sociedade por ações e já em 1811, a siderúrgica produzia em escala industrial. Instala uma fábrica de chumbo em Abaeté. Em 1812, em Itabira, Eschwege inova, uma vez mais, extraindo minério com a ajuda de “ferro hidráulico”, da mesma forma que na lavra do coronel Romualdo José Monteiro de Barros, futuro barão de Paraopeba, utilizou pilões hidráulicos para a extração de ouro. Em 1817, acatando sugestão de Eschwege, o governo monárquico aprovava os estatutos das sociedades de mineração, que viriam a estabelecer as bases para a fundação e operacionalização de companhias mineradoras no Brasil. Contribuiu, dentro do prisma técnico-científico, para que saíssemos da tecnologia

rudimentar de extração de jazidas de ouro, mediante a construção e disseminação de engenhos hidráulicos que permitiram o aproveitamento e revigoramento das minas e assim a atuação de companhias inglesas, dentre elas a Imperial Brazilian Mining Company, (Mineração Gongo Soco) já em 1826.

Sua bela casa em Vila Rica, enquanto lá residiu, rodeada de frondoso jardim, era passagem obrigatória às expedições científicas, bem como intelectuais e naturalistas, que acorreram a Minas, à época (pós chegada da Família Real – 1808), dentre tantos Saint Hilaire, Spix, Martius, Landsdorff, Pohl, Freyreiss, Sellow etc Ali e em outras localidades onde atuou refez ruas, recuperou calçadas, desenvolveu infraestrutura habitacional para operários. Minas foi-lhe um vasto laboratório de ensaio e pesquisas. Desenvolveu máquinas trituradora e lavadora de minerais, bem como maquinaria hidráulica destinada a esgotar água das galerias de extração, sempre com o objetivo de reduzir o trabalho braçal. Registrou em seus escritos dados estatísticos, mineralógicos, siderúrgicos, botânicos, bem como comerciais, a paisagem humana, costumes, do início do século XIX.

Eschwege detinha o entendimento intelectual e o projeto científico europeu quanto à apropriação da natureza, as formas concretas de produção e reprodução material, a distribuição social do produto do trabalho. Daí seu olhar crítico registrar juízos, constatar mazelas e corrupção, reprovar falhas, males que nos acompanham até os dias atuais. Suas observações incomodaram a muitos (que passaram a vê-lo como “arrogante”), num “novo mundo” acanhado, afundado em ignorância e maus costumes, embora suas excepcionais potencialidades. Era, sim, de temperamento irrequieto, acalorado, polêmico, de elevadíssimo conhecimento científico, cabendo-lhe o mérito de empreendedor e difusor de tecnologias de gerenciamento na área metalúrgica, além de propagador da importância do Estado no apoio à indústria siderúrgica nascente, ao desenvolvimento integrado a partir dos bens e vantagens ofertados regiamente pela natureza pátria.

Von Eschwege empreendeu várias viagens de experiências científicas pelo interior de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que resultou em vasta obra de pesquisas geológicas e mineralógicas. Foi o primeiro a assinalar a presença de manganês. Como geógrafo, foi o primeiro a descrever a Serra do Espinhaço. De sua obra escrita na Europa, sobressaem “Pluto Brasiliensis” (Berlim, 1833 – 2 volumes), a primeira obra científica sobre a geologia brasileira e “Contribuições para a orografia brasileira”⁽⁴⁾. Foi, sem dúvida, o viajante estrangeiro que mais conheceu e percorreu o território mineiro, tendo explorado o rio Doce, o rio São Francisco, o sertão (hoje Triângulo e Alto Paranaíba), o oeste, o norte etc.

Teve papel fundamental, juntamente com o Dr. Francisco da Borja Garção Stockler, na estruturação do ensino de matemática e física na Academia Militar do Rio de Janeiro, criada por carta régia de 04/12/1810, a primeira escola de engenharia no Brasil e precursora da

Academia Militar das Agulhas Negras.

Retornando a Portugal (1821), atuou entre 1836 e 1840 na área de arquitetura, em especial na construção do Palácio Nacional da Pena, no reinado de D. Maria II, casada com o rei-consorte alemão D. Fernando de Saxe Coburgo Gota.

Considerações sobre seus escritos – Tido, por vezes, como petulante, em seus textos, críticas e considerações, expressa, contudo, simpatia e compreensão para o Brasil como país emergente. Seus escritos são híbridos, de extensibilidade semântica, polivalente, numa linguagem migrante, fugindo dos esquemas e análises pré-estabelecidos típicos dos viajantes europeus. Soam mais como um monumento intercultural e interdiscursivo do que como documento(s) científico(s). Vê-nos - e a nossa terra - com diversidade discursiva, sob múltiplas perspectivas, quase uma jornada sentimental, poética, transfiguradora. A topografia se transforma em topografia; o ouro negro se torna, paradoxalmente, em riqueza pobre; o geólogo se transmuta em etnógrafo; o conhecimento, em suas mãos, se faz poesia, metonímia, polissemia, segundo a conceituação de Kant: “Pensamento é quase sinônimo de poesia”.

Para Von Eschwege, que se considerava literariamente incompetente, a escrita cumpre um papel de afirmação cultural e pessoal, a capacidade de escrever, pensar, de transposição intercultural. Nota-se em seus escritos a busca de proximidade/aproximação entre coisas e palavras. Uma preocupação em explicar as palavras, em fazer-se entender, mesmo os termos tidos como intraduzíveis, garantindo-lhes assim o significado, incorporando novos signos (do português para o alemão). Uma aproximação transcultural, onde a influência kantiana, é nítida: a percepção pelos sentidos com predominância de termos como “ver”, “verificar”, “visivelmente”, “a vista” – o olhar abrangente, observador, reflexivo, textualizando, “medindo” riqueza e pobreza, excesso e carência, pacificação e conflito, ousadia e ignorância e porque isso ocorre. Não lhe falta a linguagem tropológica, por vezes antropomórfica: a serra que ele considera “schon” (bela), o padre ex-

plorador, a pobreza dos negros e dos povoados, atingindo o ápice na hierarquização topográfica, social e cultural. “Ela (serra) deu muitos milhões em dinheiro desde a sua descoberta e exploração. Suas riquezas começam em Mariana...” (Eschwege, “Jornal do Brasil” p.47) “Os negros que trabalham nos vales” – uma polissemia que trata da inferiorização física e social do negro pobre, associado ao refugio, a última escala social, o último lugar (o vale) onde se encontra ouro. “Toda a poeira e toda a sujeira nas estradas são auríferas; sim, até a poeira varrida das casas contém ouro e é aproveitada por um ou outro negro pobre” (Eschwege, “Jornal do Brasil”, p. 48) O termo “helter” também aparece frequentemente frisando a oposição/confusão entre os povos da escuridão (habitantes da mata fechada) e os povos dos campos claros e livres.

Vale-se Von Eschwege de tropos como metonímias, ironias, metáforas, paralelismos, antropomorfização, paradoxos, polissemias, analogias com que desenvolve comentários, questionamentos, críticas, sempre de forma prática, onde o homem figura como elemento transformador, modificador imprescindível para o enobrecimento ou a destrutividade da natureza⁽⁵⁾.

Os conceitos de Kant sobre estética transcendental – o belo, o sublime, a paz – se misturam nos textos de Eschwege ao fenomênico, ao distinto, ao simbólico: “Avistava os homens constrangidos em roupas estreitas...” (Eschwege, “Brasil, novo mundo – II”, p. 151) referência aos homens manietados às regras e normas da civilização. “Muitos diferentes são os habitantes dos campos, cujo olhar acostumou –se com um horizonte mais aberto e sobre o qual o céu claro atua como uma benfazeja magia, uma magia que produz seus resultados, cobre de verde os campos e lhes desperta no peito o sentimento de um ser superior. Em vez de viverem apenas da caça, seguirem com mãos sujas de sangue e mentalidade sanguinária as trilhas fugidias da caça, acabam por se tornar tranquilos povos pastores e, como antes, o sangue passa a ser o leite, o alimento dos povos” (“Brasil, Novo Mundo II” p. 152).⁽⁶⁾

NOTAS

(1) José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da Independência, naturalista, estadista e literato brasileiro, nasceu em Santos (SP) aos 13/06/1763 e faleceu em prisão domiciliar, por decisão da Regência, em sua casa na ilha de Paquetá aos 06/04/1838. Filho de Bonifácio Ribeiro de Andrada e Maria Bárbara da Silva. Casado com Narcisca Emília O’Leary, de ascendência irlandesa, enlace que durou de 1790 a 1829. Realizou seus estudos preliminares em Santos; aos 14 anos, foi enviado para São Paulo, onde estudou francês, lógica, retórica e metafísica com o bispo D. Manuel da Ressurreição. Após passagem pelo Rio de Janeiro, matriculou-se na Universidade de Coimbra em 30/10/1783, aí estudando direito, filosofia, história, química e matemática.

A serviço da Coroa Portuguesa, viajou durante 10 anos (até 1800) por vários países da Europa (Suécia, Noruega, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Escócia etc.), adquirindo conhecimentos em mineralogia e história natural. Brilhou como mineralogista, descobrindo e discorrendo sobre vários minerais. Agradado com o título de doutor em filosofia natural pela Universidade de Coimbra (1802). Com a ocupação de Portugal por Napoleão Bonaparte (1808), José Bonifácio lutou contra os invasores franceses, chegando ao posto de tenente-coronel. Amigo de renomados cientistas, dentre eles Alexandre von Humboldt, com quem conviveu durante sua estada na Alemanha (1791).

Ocupou importantes cargos em Portugal e no Brasil. Secretário da Academia de Ciências de Lisboa; catedrático de mineralogia da Universidade de Coimbra; deputado às Cortes; Ministro do Reino e de Negócios Estrangeiros no reinado de D. Pedro I. Tutor do Imperador Pedro II. Foi elemento fundamental no processo de independência do Brasil, junto aos demais irmãos, os notáveis brasileiros Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Antonio Carlos de Andrada e Silva.

Curiosidade: José Bonifácio foi grão-mestre maçônico do Grande Oriente do Brasil (1822 e de 1831 a 1838) rito Adonhiramita. Conjectura-se que manteve contatos com o renomado abade José Custódio de Faria (1756-1819), natural de Goa, Índia Portuguesa, com estudos em Lisboa e Roma, o qual segundo autores como Gerard Galtier, convivera e fora discípulo do misterioso Conde de Saint-Germain. O abade José Custódio participou ativamente da Revolução Francesa, onde lecionou na Universidade de Paris. Tornar-se-ia famoso como hipnólogo, magnetizador e taumaturgo e embora combatido ou desacreditado por muitos à época, o abade é enaltecido e respeitado hoje como cientista, por ser o primeiro a descrever com precisão o caráter natural da hipnose, registrando seus métodos e efeitos e principalmente o uso da sugestão e indução hipnótica no tratamento de doenças nervosas. O abade é um dos personagens do famoso romance “O Conde de Monte Cristo” de Alexandre Dumas.

(2) Os estudiosos registram nos escritos de Goethe cerca de 84 referências ao Brasil, a quem (Goethe) chamava “continente imenso”, algo incomum em sua obra, oriundo, em sua maioria, de suas conversas e correspondências com o amigo Eschwege. Goethe era extremamente bem informado sobre nosso País, em especial pela leitura das obras de viajantes como Soutley, Spix, von Martius, Pohl, Mawe e Eschwege.

Outro famoso autor, Karl Marx, também faz referências ao Brasil em sua obra clássica “O Capital”, igualmente por contato e leitura de escritos de Von Eschwege.

(3) Para tal, von Eschwege elaborou moderno mapa das minas, entregando-o a D. João VI no Rio de Janeiro. Embora encaminhado para a Inglaterra para confecção definitiva, inexplicavelmente, nunca saíria do papel.

(4) Obras de Von Eschwege: 1 - “Brasil, Novo Mundo” – volumes I e II; 2 - “Jornal do Brasil – 1811-1817- Relatos Diversos do Brasil coletados durante expedições científicas”; 3 - “Pluto Brasiliensis” – volumes I e II; 4 - “Notícias e Reflexões estadísticas a respeito da Província de Minas Gerais”; 5 - “Memória sobre a história moderna da administração das minas em Portugal” (1838); 6 - “Extrato de uma memória sobre a decadência das minas de ouro da Capitania de Minas Gerais e sobre outros objetos montanhísticos” (1815); 7 - “Contribuições para a orografia brasileira”

(5) Como homem e cientista, Eschwege busca atender o mecanismo epistemológico da época, que exigia, até mesmo obsessivamente, a pesquisa, assimilação e fixação do conhecimento. Como viajante, sua visão do Brasil é polidrica, multiforme, um polígono de muitas faces – ideias, projetos, crenças, representações, paradoxos. Fala sobre a grande liberalidade dos costumes do clero; discorre sobre os traços psicológicos e de comportamento dos mineiros, impuntuais, rebeldes, resistentes e insubmissos às autoridades, pouco cumpridores do dever. Espanta-se ao ver a lei não aplicável ou subvertida; a inversão do valor da honestidade, principalmente pelos poderosos e próprios legisladores, para o que tinha uma receita: “wollen und sollen” (“querer e dever”, ou seja o cidadão deve agir, participar, garantir a probidade, a solidariedade legal-social) Foi Eschwege um lidimo expoente do kantismo transcendental e moral.

Tem Eschwege, em suma, uma visão relativamente positiva, alegórica do País, ao descrever, maravilhado, a Serra do Mar: “Levanta-te e domina!” – um gigante deitado, mas não adormecido!

(6) Valemo-nos, para essa análise semiológica, do texto-estudo “Um novo viajante na literatura de viagem”, autoria do prof. Gunther Augustin – Fonte: www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37290/40010 acesso em

09/06/2017

Continua na próxima edição

LUIS LÁZARO ZAMENHOF

- O criador do idioma internacional ESPERANTO

- 1859-2019 -

160 anos de seu nascimento



Luis Lázar Zamenhof (em polonês Ludwik Lejzer Zamenhof) foi um notável linguista, filólogo, filósofo, pacifista e médico polonês, nascido na cidade de Bialystok, então pertencente ao Império Russo, aos 15 de dezembro de 1859. Faleceu em Varsóvia, capital da Polônia, aos 14 de abril de 1917. Criador do Esperanto, a língua artificial mais bem falada e mais bem sucedida no mundo, contando hoje cerca de 10 milhões de praticantes ⁽¹⁾.

Os idiomas nativos de Zamenhof foram o polonês, o iídiche e o russo; fluente em alemão, aprendeu ainda o francês, latim, inglês, grego, hebraico, além de amplos conhecimentos de italiano, espanhol e lituano. Judeu, vivendo em uma cidade com várias culturas, etnias e línguas, com frequentes turbulências sociais – uma verdadeira Babel -, Zamenhof, ainda jovem, com seus 17 anos, buscava uma solução para o problema, entendendo ele que a causa daqueles conflitos era a dificuldade de comunicação e de interação entre as culturas e raças locais. Preparou, ainda ginásiano, a primeira versão da Língua Esperanto (Esperança), a ficando a primeira versão pronta em 1878. Viria ela, contudo, a ser destruída por seu pai.

Em 1878, era lançada outra língua internacional – o Volapuk – criada por Johann Martin Schlegler, que não prosperaria. Zamenhof, que fora estudar medicina em Moscou, prosseguiu seus estudos e esforços e finalmente em 1887, com a ajuda financeira da esposa Karla, lançaria o pequeno manual intitulado “Internacia Lingvo” (“Língua Internacional”), encontrando forte resistência do governo czarista russo, o que, aliás, prosseguiria no cruel regime comunista instalado na Rússia em 1917.⁽²⁾ O movimento esperantista – ainda que visto como utópico - se expandiria com extremas dificuldades, conseguindo chegar vitorioso, até os nossos dias. Dentre as centenas de línguas internacionais, o Esperanto é, sem dúvida, a experiência mais vitoriosa e consolidada.

Grandes personalidades da História - dentre elas Einstein, Gandhi, Tolstoi, Edmond Privat, Antoine Meillet, Julio Verne - tiveram conhecimento do Esperanto e o reconheceram como sinal de uma nova era de paz e fraternidade universal. No Brasil, tivemos as figuras de Olavo Bilac, grande entusiasta do Esperanto, do matemático Osvaldo Sangiorgi, dentre tantos. Calcula-se em torno de 80.000 livros originalmente escritos ou vertidos para o Esperanto, incluindo clássicos da literatura mundial, a Bíblia, romances, peças teatrais, dicionários, livros científicos e didáticos, além de centenas e centenas de jornais, revistas, canções, CDs etc. A China tem um movimento esperantista fortíssimo, ensinado em dezenas de universidades e com grande número de publicações literárias e científicas. Nos dias atuais, personalidades como Reinhard Selten (Prêmio Nobel da Economia – 1994), o magnata George Soros, o escritor italiano Umberto Eco são exemplos de esperantistas falantes.

A intenção de Zamenhof sempre foi a de gerar maior entendimento entre os povos, sendo o Esperanto uma língua neutra de comunicação internacional. A sua gramática é muito simples, regular, utilizando as raízes de línguas europeias mais faladas, além das raízes latinas e gregas. Trata-se de idioma muito fácil, ortografia sem complicações, escrita estritamente fonética, pronúncia acessível a todos. Milhões de pessoas o utilizam em todo o mundo, reunindo-se em ligas locais e nacionais, além da Academia de Esperanto e da Associação Universal de Esperanto com sede na Holanda. O Esperanto é reconhecido desde 1954 pela UNESCO como um instituto importante para a educação, a ciência e cultura mundial. Em 2017, ano de centenário de sua morte, Zamenhof foi homenageado igualmente pela UNESCO.

Em 1905, Zamenhof pode verificar pessoalmente o sucesso de sua ideia, quando da realização do 1º Congresso Universal do Esperanto, realizado em Boulogne-sur-Mer (França) com a presença de cerca de 1.000 participantes. O mesmo fenômeno ocorreria em 1907 quando da realização do Congresso Universal do Esperanto realizado na Espanha com a participação de milhares de esperantistas, oriundos de todas as partes do mundo. O 1º grupo esperantista brasileiro foi fundado em 1906, na cidade de Campinas (SP)⁽³⁾.

Além do Esperanto, Zamenhof criou um movimento filosófico pacifista, Homanarismo, palavra que, em Esperanto, significa Humanismo, Humanitarismo. A esse respeito, Zamenhof publicou (1906) a brochura “Dogmas do Hilelismo”, referência ao pensador hebreu Hilel, que viveu no séc. I d.C. homem despojado, de vida irrepreensível, a vida dedicada à benemerência. Ante reações no próprio seio esperantista, que temia implicações religiosas no movimento, Zamenhof deu à sua filosofia a denominação de “Homanarismo”, na qual o adepto (“homanano”) é todo aquele que serve e se dedica à humanidade.⁽⁴⁾

NOTAS

(1) O Esperanto é a língua neutra internacional criada por Luis Lazaro Zamenhof que a lançou oficialmente em 1887. Trata-se de língua auxiliar, não ofendendo nenhum sentimento nacional. Sua função, pois, não é a de substituir os idiomas nacionais, hoje em grande diversidade, mas ser a segunda língua de cada povo, o que é uma necessidade mundial dada a intensidade do comércio globalizado, do grande fluxo de pessoas em trânsito diário em todo o mundo e ainda do avanço das descobertas técnicas. Língua já utilizado por importantes firmas (bancos, empresas de navegação aérea etc) tendo o apoio de inúmeras universidades em todo o mundo, da UNESCO, de estações de rádio como as do Vaticano, Polônia, China etc.

O Esperanto é composto com base nas línguas culturais europeias, tanto que a Academia Francesa de Ciências classificou-o como “uma obra prima da lógica e da simplicidade”

(2) Os primeiros esperantistas foram cidadãos russos, alemães e suecos, que aprenderam a língua como autodidatas, divulgando-a em seus países. O movimento esperantista sofreria duras perseguições, inicialmente pelo czarismo russo e por parte de Hitler e Stalin, durante a II Guerra Mundial; centenas de esperantistas foram massacrados tanto pelos nazistas quanto pelos soviéticos nos países ocupados. A família de Zamenhof foi toda dizimada pelos nazistas (três de seus filhos assassinados e os demais familiares sobreviventes passaram a viver clandestinamente)

(3) Em São Tiago, o Instituto São Tiago Apóstolo manteve, há tempos, grupos de estudos de Esperanto (hoje inativos) formando um considerável número de participantes. O lema da Instituição, inclusive, é de ordem esperantista “Obstine Antauen” (“Obstinadamente Avante”) Interessados no assunto – aprendizagem do Esperanto – poderão contatar a Instituição.

(4) Principais pontos ou princípios do Homanarismo: a) a Humanidade é uma família una; b) Não julgar as pessoas por sua raça, religião e sim por seus atos (bons ou maus); c) As nações não pertencem a determinados grupos, mas a todos os seus habitantes; d) não se pode impor a ninguém as nossas crenças, língua; e) O homem está antes e acima de tudo; f) a língua não é um fim, apenas um meio; g) A religião não deve ser necessariamente herdada e sim adotada livremente com plena consciência; h) compreensão e tolerância máxima para com todos, especialmente para com aqueles que não pensam como nós; i) Cultivemos a fraternidade para com todos os nossos semelhantes; j) O patriotismo deve ser cultivado, porém sem “patriotice” (extremismos)



COSMOLOGIA INDÍGENA E TURISMO

O prefeito de conhecida cidade turística de nossa região contou-nos o seguinte fato: estava em seu gabinete na sede da prefeitura, ambiente rotineiro (era uma sexta-feira, período de verão) quando ali chegou um grupo de turistas escandinavos – suecos, ao que parece – solicitando-lhe “arranjar” um guia ou “entendido”, para, do alto da Serra de São José, noite clara e brilhante do mês de janeiro, lhes explicasse as estrelas e constelações, de acordo com a cosmologia e teogonia indígena. Ou seja, desejavam saber como os antigos índios brasileiros, em especial de nossa região, interpretavam astronomicamente o céu.

Pasmado, simplesmente para todos nós. Explicou-lhes o prefeito, um tanto quanto constrangido, não dispomos de pessoas com tal tipo de conhecimento na região. Ademais, até mesmo a mitologia e cosmogonia de nossos indígenas foram destruídas entre nós, dado o massacre de nossos antigos habitantes ameríndios. Algo que exigiria conhecimentos e pesquisas nas áreas de etnografia, astronomia, história e por aí vai... Sequer temos cursos ou observatórios astronômicos entre nós, à exceção de alguns abnegados astrônomos amadores. Nossos cursos de turismo não dispõem, outrossim, de conteúdos dessa natureza (cosmogonia indígena). Ora, os turistas escandinavos – por mais excêntrico nos possam parecer – desejavam simplesmente conhecer o que é nosso, nossas raízes, nossa cultura ancestral, nossa memória – em si tão destroçadas e desvalorizadas por nossos políticos e grupos de altos empresários antipatriotas, predadores do Erário Público, associados/acumpliciados, infelizmente, à inércia, comodismo e omissão de grande parte da sociedade.

Não seria um momento para nossas prefeituras, empresários do setor turístico, universidades pensarem a respeito?! Não só cosmogonia, mas culinária/gastronomia, artesanato, oralidade, folclore e tantos outros nichos de nossa cultura, de nossa raiz, serem pesquisados, valorizados e ser-lhes dado um viés econômico-turístico ou até mesmo lúdico-educacional?!

O que nos consola, por outro lado, é a persistência de pesquisadores que, por vezes anônimos, sem recursos públicos ou mesmo privados, trabalham tais assuntos. No tocante aos estudos sobre cosmogonia indígena, merece citação o Prof. Germano Afonso, da UFMS, que, há anos, se dedica a resgatar as tradições astronômicas e cosmológicas de nossos indígenas. Temos observado, ademais, ainda que forma tímida, alguns trabalhos acadêmicos (TCC's) sobre a cultura indígena. Não podemos nos esquecer, ademais, que há vários e sérios trabalhos realizados por antropólogos nacionais e estrangeiros que abordam a temática cosmológica indígena.



DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA – O INDÍGENA

O Brasil detém uma das maiores e mais ricas diversidades culturais do mundo e tamanho patrimônio, infelizmente, não recebe o conhecimento e o volume de pesquisas devidos. Segundo pesquisadores, temos, hoje, no Brasil, cerca de 180 diferentes culturas, dentre elas a ocidental, primordialmente europeia, em si já múltipla, ao lado de matizes africanas, asiáticas e as várias culturas indígenas existentes (ou melhor remanescentes) Reunimos, dessa forma, uma multiplicidade/conglomerado de linguagens, mas igualmente construções de cosmologias, mitologias, imagens, riquezas folclóricas e metafóricas, em grande parte ainda não devidamente garimpadas e reconhecidas.

Somos condicionados, há séculos, por uma educação eurocêntrica, ocidentalizante, tornando-nos, assim, desinformados e desconectados do valioso, imemorial acervo que forma a sabedoria pátria. Nossos indígenas, com suas diferentes nações, línguas, mitos, contribuem com vasta parcela de nosso folclore, por conseguinte com vivas e palpantes explicações mitológicas do mundo. Na cultura folclórico-mítica indígena, encontramos os elementos arquetípicos (“elementos estruturais” no dizer do etnólogo francês Levi-Strauss), revestidos, todavia, de forma peculiar, metamorfoseados pelo imaginário e linguagem próprias dos indígenas. Não encontramos ali “príncipes”, “princesas”, “reis”, “castelos”, comuns nos contos de fadas europeus, mas temos “guerreiros”, “caciques”, “xamãs”, “cunhãs”, “malocas”; não temos ainda “dragões”, “ogros”, “fadas”, “sereias”, “gigantes” típicos de outras culturas, mas sim “sacis”, “iaras” etc.

Na cosmologia indígena (ou xamânica) homens e animais são entidades falantes, encantadas, transmutantes, intercambiantes – ora gente, ora animal, a forma pouco diz ou condiz. Os contos e mitos indígenas são revestidos de imagens conectadas com a realidade físico-local do povo (tribo) que os produz – como o tipo de caça que consomem, as plantas que conhecem, com o tipo de moradia que constroem, com as regras de parentesco, de casamento, a relação com o corpo (culturalmente diferente da visão do branco) São elementos dinâmicos, alimentos metafóricos que fecundam a imaginação de crianças e adultos, nutrindo a alma. A harmonia do imaginário ou inconsciente indígena contextualizada em seu meio natural, onde transparece a beleza mítica dos jaguares, das cunhãs formosíssimas, dos guerreiros valentes, dos pajés sábios, dos encantos e mistérios da floresta tropical, habitada por antas, cervos, tamanduás que falam como gente e transitam pelos céus estrelados. Os indígenas, assim como os antigos gregos, nos dão um formidável exemplo ao manter sua capacidade humana, universal, de – através de metáforas e imagens – lidar com a realidade concreta.

Segundo estudiosos, os personagens dos contos, conquanto entes da natureza, animais, seres fantásticos representam, na essência, tendências humanas arquetípicas. São nossos próprios instintos, o lado escuro da personalidade ou sombra, ali explícitos – agressividade, avidez, crueldade, bondade – fatores psíquicos humanos projetados, via outros canais e que nos instigam a descobrir nossas próprias forças, a superar inseguranças, dificuldades, deficiências, a direcionar nossas ações de forma mais coerente, mais sábia, mais autônoma e assim alcançarmos a maturidade. São meios simbólicos pelos quais o eu emerge; o nosso encontro com os aspectos desconhecidos e discriminados em nós como ciúme, orgulho, inveja, indignação e que nos fazem olhar para a nossa própria sombra, a dialogar com os problemas que surgem o tempo todo, a empunhar uma lança, em meio a caminhos de pedras, para enfrentar o dragão ou o gigante.

Ver matéria em nosso boletim XLVII / fev 2012 pág. 8 e boletim XXV/out. 2009 pág. 8.

“Se os profetas se calarem, as pedras falarão” (Lc 19,38-40)

“Pela fé caíram as muralhas de Jericó, sendo rodeadas durante sete dias” (Hb 11:30)

Muitas são as histórias e relatos – sem dúvida fenomenais – de objetos que se movem, mudam de lugar, desaparecem, se fragmentam. São manifestações sobrenaturais com probabilísticas que fogem à compreensão humana ou mesmo à conceituação científica. Como algo inanimado, ainda que um objeto sacro, pode se locomover, falar, se alimentar, brincar?

Seguem textos, extraídos de várias culturas e tradições religiosas, que focalizam o assunto, com ênfase para a fé e sacralidade. Enigmas entre os céus e a terra...

“Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte ‘passa daqui para acolá’ e ele passará. E nada vos será impossível” (Mt 17:20)

“Mesmo que eu possua o dom da profecia e conheça todos os mistérios, toda a ciência e tenha ainda uma fé capaz de remover montanhas, se não tiver amor, nada serei” (1 Co 13:2)



WWW.M.MEGACURIOSO.COM.BR

O MALABARISTA DE NOSSA SENHORA

No tempo do rei São Luis (1214-1270) havia na França, na região de Compiégne, um pobre malabarista, de nome Barnabé, que percorria as aldeias realizando façanhas de destreza, força e habilidades corporais. Estendia na praça pública, principalmente em dias de feira, um velho tapete, onde equilibrava um prato de estanho no nariz, atraindo crianças e curiosos. Apoiando-se nas mãos, com a cabeça para baixo, ele se lançava no ar, girando, com os pés, seis bolas de couro. Retorcendo-se, até que sua nuca tocasse os calcanhares, dava ao corpo a forma de uma roda perfeita e manevava, nessa postura, doze facas. Um murmúrio de admiração se elevava do público.

Embora seus talentos, ele tinha grande dificuldade para viver. Era um homem de bem, temente a Deus e muito devoto da Santa Virgem. Quando adentrava uma igreja, nunca deixava de se ajoelhar diante da imagem da Mãe do Senhor para lhe dizer: - “Senhora, cuidai da minha vida até que seja feita a vontade de Deus quanto ao meu fim e quando eu morrer, fazei-me conhecer as alegrias do paraíso...”

Certo dia, faminto, ele se encontrou no caminho com um monge que seguia o mesmo trajeto e o saudou.

- Companheiro, disse o monge, de onde vens todo fantasiado de verde ?!

- Como vêdes, sou malabarista. Seria a melhor coisa do mundo se me fosse dado me alimentar todo dia!

- Amigo, replicou o monge, não há coisa melhor no mundo do que a condição monástica. Nela, celebramos os louvores de Deus, da Virgem e dos santos e a vida do religioso é, dessa forma, um perpétuo cântico!

- Meu padre, também eu queria, como vós, cantar todos os dias o ofício da Santíssima Virgem!

O monge, comovido com a simplicidade do malabarista, respondeu: - Amigo, vem comigo e te farei entrar no convento de que sou prior.

Assim, Barnabé tornou-se monge. No convento onde foi recebido, os religiosos celebravam com fervor o culto da Santa Virgem e cada qual empregava, para servi-la, todo o saber e toda a habilidade que Deus lhe dera. O prior compunha livros e salmos sobre as virtudes da Mãe do Senhor; um outro copiava, com sua mão habilidosa, tratados sobre folhas de pergaminho e outro pintava nelas delicadas miniaturas. Havia um deles que talhava sem cessar estátuas de pedra. E não faltavam no convento poetas que compunham, em latim, hinos em honra da Virgem Maria. Vendo tudo

isso, Barnabé se lamentava, circulando sozinho pelos corredores do claustro:

- Ai de mim! Sou bem infeliz por não poder, como o fazem meus irmãos, louvar a Mãe Santíssima, que tanto amo. Sou um homem rude, sem habilidades e não tenho para o vosso serviço, Virgem Mãe, sermões edificantes, tratados sábios, pinturas delicadas, nem estátuas nem versos...

E assim, entregava-se à tristeza. Ora, numa noite em que os monges descansavam conversando, ele ouviu contar a história de um religioso que só sabia recitar a ave-maria, sendo, por isso, objeto de escárnio devido à sua ignorância. Mas quando morreu, saíram-lhe da boca cinco rosas magníficas e perfumadíssimas em honra das cinco letras do nome de Maria e dessa maneira, manifestou-se a sua santidade.

Ouvindo isso, reacendeu em Barnabé o desejo de servir à glória de Sua Senhora que está nos Céus. Ele procurava, sem sucesso, um meio de fazê-lo, passando a se lamentar e a se desconolar mais e mais. Certa manhã, porém, tendo despertado cheio de júbilo, correu até a capela e lá ficou, sozinho, durante uma hora. À tarde, voltou até lá. E, a partir de então, ia todos os dias à capela, quando esta estava deserta, ali passando grande parte do tempo, desaparecendo-lhe, de vez, a tristeza, fato que intrigou, sobremaneira, o prior e demais monges – todos eles consagrados nos seus sábios trabalhos. O prior, desconfiado, deslocou-se até à capela com dois monges anciãos e olhou pelas fendas da porta. Eles viram Barnabé, diante do altar da Santa Virgem, de cabeça para baixo, com os pés para o ar, realizando malabarismos com seis bolas e doze facas; fazia-o em honra à Santa Mãe, movimentos que, nas praças do mundo, lhe tinham válido tantos louvores.

Não compreendendo que aquele homem simples consagrava daquela maneira o seu talento a serviço de Maria, os dois monges anciãos exclamaram: - Sacrilégio! O próprio prior, que conhecia a alma de Barnabé, considerou também perturbadora aquela atitude. Aos gritos, apressaram-se a interrompê-lo, quando, pasmos, viram a Santa Virgem descer do altar e com seu manto azul passou a enxugar o suor que escorria da frente de seu pequeno e pobre malabarista. Eis que o prior atônito, caindo de joelhos, gritou:

- Bem-aventurados os puros e simples de coração, porque verão a Deus!

(Da tradição cristã medieval)

O ASCETA DA TIGELA DE ÓLEO

Havia um asceta muito famoso pelas suas austeridades. Um dia, diante da estátua de Shiva, ele o invoca, dizendo:

- Senhor, não há nada que eu não seja capaz de fazer por devoção e honra a ti. Impõem-me qualquer prova e verás que falo tão somente a verdade.

Ele orava assim, como se fosse um desafio. Eis que a estátua se anima, deixando sair de seus finos lábios de bronze:

- Toma uma tigela, enche-a de óleo até a borda. Põe-na na cabeça. Atravessa a feira, a cidade, rua por rua, e retorna. Não deixes que se perca uma única gota de todo o conteúdo!

O asceta enche a tigela, acomoda-a na cabeça e parte decidido, braços abertos, repetindo a cada passo: - Não deixes que se perca uma única gota de todo o conteúdo!

Era dia de feira. Ele passa pela multidão, percorre a cidade rua por rua. Nenhuma gota de óleo se perde. Satisfeito, ele deposita a tigela diante da estátua, certo de merecer os maiores encômios e assim a graça de Deus. O asceta pede à estátua que testemunhe a sua vitória, mas a estátua permanece imóvel, em seu estado de bronze. Ele suplica, chora, invoca, sem obter a mínima resposta; a estátua apenas sorri com desdém.

O homem se pergunta, estupefato, se Deus o enganara. Nos dias seguintes, Shiva continuava em total silêncio. E o devoto, tendo esgotado todas as fórmulas, se desespera. Com a cabeça entre os joelhos, chora amargamente e repete, em meio às lágrimas:

- E, no entanto, nenhuma gota, nenhuma gota de óleo se perdeu!

A estátua, então, se anima, mas para explodir, encolerizada:

- Que vou fazer com o teu óleo, imbecil? Eu, Deus, vou fazer o quê com uma tigela de óleo? Quantas vezes, enquanto levavas o óleo sobre a cabeça, quantas vezes, diz-me, imbecil, pensaste em mim?

E o homem não sabe o que responder, pois constata que o tempo todo pensara no óleo e na gota que não deviam se perder...

Shiva lhe diz:

- Melhor teria sido derramar a tigela tendo pensado uma vez em mim com ardor. Melhor seria, meu amigo, deixar de lado todas as austeridades que fazem de ti um asceta ilustre e amar o teu Deus, de preferência em segredo.

(Lanza Del Vasto)

O MENINO DO SACRÁRIO

Teresa Palminota (1896-1934) foi uma mística católica italiana dotada de extraordinários dons: visões, estigmas, telepatia, jejuns. Teria ela aos 5 anos sua primeira visão e experiência sobrenatural. Sua mãe, muito religiosa, para aquietar a menina na igreja, dissera-lhe que no sacrário morava um menino muito bom que se chamava Jesus.

Tocada por essa história, a menina Teresa, por vezes, ia sozinha até a igreja, levando doces e brinquedos para o menino. Certo dia, o sacrário se abriu, dele surgindo o menino Jesus em meio a uma resplandecente luz. Teresa pôs-se a falar com Ele, entabulando-se um enternecedor diálogo. Teresa, porém, não estava só. O pároco estava presente no recinto da igreja. Percebendo algo incomum no templo, dirigiu-se à menina:

- Com quem estás conversando?!

- Com o menino que fica dentro do sacrário...

O sacerdote disse-lhe: - Recorda-te de não falar com ninguém sobre o que viste. Silêncio com todos, até mesmo com tua mamãe!

(Relato de Pe. Luigi Fizzotti, biógrafo de Teresa Palminota)

O SACERDOTE E O FILHO

Durante muitos anos, um sacerdote brâmane cuidava de uma capela. Quando precisou viajar, pediu a seu filho que se encarregasse das tarefas diárias até o seu retorno. Entre essas tarefas, o menino devia colocar oferenda de alimentos diante da Divindade - uma portentosa estátua - e observar se ela comia.

O garoto dirigiu-se, animado, até o templo onde o pai trabalhava. Colocou o alimento e ficou aguardando as reações da imagem. Durante o resto do dia, ele ficou ali. E a estátua permaneceu imóvel. O menino, porém, fiel às instruções de seu pai, estava certo de que a Divindade desceria do altar para receber sua oferenda.

Depois de muita espera, ele suplicou:

- Oh, Senhor, vinde e comei! Já é muito tarde. Não posso mais esperar.

Nada aconteceu. Ele então começou a gritar:

- Senhor, meu pai me pediu que eu estivesse aqui quando o Senhor descesse para aceitar a oferenda. Por que não o fazeis? Só comeis a oferta das mãos de meu pai? O que eu fiz de errado?

E chorou copiosamente por muito tempo. Quando ergueu os olhos e limpou as lágrimas, levou um susto: ali estava a Divindade, alimentando-se com o que lhe tinha sido oferecido.

Alegre, o menino voltou correndo para casa. Qual não foi a sua surpresa, quando, ao chegar, um de seus parentes lhe disse:

- O serviço terminou. Onde está a comida?

- Mas o Senhor a comeu - respondeu, intrigado, o menino.

Todos ficaram assombrados.

- O que estás dizendo? Repete, pois não ouvimos bem.

O menino repetiu com toda a naturalidade e inocência:

- o Senhor comeu tudo que lhe ofereci!

- Não é possível! - disse um tio - Seu pai lhe disse apenas para observar se ele comia. Todos nós sabemos que este é um ato meramente simbólico, uma formalidade. Você deve ter roubado a comida.

O menino, porém, não mudou sua história, mesmo quando o ameaçaram com pesada surra. Desconfiados, os familiares foram até o templo e encontraram a Divindade sentada, sorrindo.

- Um pescador lançou ao rio a sua rede e conseguiu uma boa pesca - disse a Divindade. Alguns peixes estavam imóveis, sem fazer nenhum esforço para sair. Outros lutaram desesperadamente, saltando, mas sem conseguir fugir. Só uns poucos eram afortunados em sua luta e conseguiam escapar. Assim como os peixes, três tipos de homens vieram aqui para me trazer oferendas: uns não quiseram conversar comigo, achando que eu não ia responder. Outros tentaram, mas desistiram logo, com medo de decepção. Entretanto, este menino foi até o fim e eu, que jogo com a paciência e a perseverança dos homens, terminei por Me manifestar.

(Da tradição hindu)



IMAGEM: OMENINDODUS.BLOGSPOT.COM/DIVULGAÇÃO

PROJETO DE 1891 PARA A NOVA CAPITAL: A VÁRZEA DO MARÇAL

Instaurada a República em 15/11/1889, a nova forma presidencialista de governo tinha como filosofia a modernização do país. Em Minas, embora a capital Ouro Preto representasse um passado colonial e imperial, entendia-se que o local deveria ser preservado por ter sido berço da Inconfidência Mineira, mas, a despeito disso, sentia-se a necessidade de mostrar a todo o Brasil uma nova capital mineira, símbolo da modernidade, e que assegurasse a unidade territorial que estava ameaçada pelas oligarquias do Sul e da Zona da Mata. Quando estavam acalorados os debates sobre a mudança da capital mineira, em 7 de abril de 1891 foi instalado o Congresso Constituinte mineiro e, na mesma data, houve a manifestação pessoal do então governador provisório Antônio Augusto de Lima ao referido Congresso Constituinte, na qual destacou o seguinte trecho:

"(...) O governo, no intuito de concorrer para a solução desta magna questão, depois de estudá-la em todas as suas faces, nomeadamente quanto à localização mais apropriada à edificação da nova cidade e de habilitar-se com os esclarecimentos e informações exigíveis, chegou à conclusão de que nenhum outro lugar reúne maior somma de condições para o fim em vista, do que o planalto denominado Bello Horizonte, ou valle do Rio das Velhas, no municipio de Sabará, onde possui o estado consideravel extensão de terrenos. (...)

Palacio em Ouro Preto 7 de Abril de 1891."

Foi, então, instituída uma comissão de 11 membros ("Comissão dos Onze"), escolhida entre senadores e deputados, incumbida de dar parecer ao projeto da constituição, ao qual se incluiu a indicação da nova capital do Estado, a pedido do governador provisório.

Foi nesse ambiente polêmico que uma patriótica comissão de dois engenheiros, Drs. Hermillo Alves e Toscano de Britto, e de um médico, Dr. Francisco de Paula Moura Mourão, apresentou ao Congresso Constituinte um plano de edificação de uma cidade-modelo na Vargem do Marçal, "tendo oferecido todos os estudos e plantas sem a menor recompensa ou favor."

No presente post, trago a público, entre outros assuntos, o relatório feito por essa patriótica comissão, em São João del-Rei, datado de 1º de maio de 1891, mas só publicado na GAZETA MINEIRA em 31 de maio do mesmo ano, com o título "Nova Cidade Projectada na Varzea do Marçal" na coluna Melhoramentos. Apresento igualmente uma matéria publicada em 4 de junho de 1891 in A PÁTRIA MINEIRA, com o título "A Vargem do Marçal ou A Capital de Tiradentes" na coluna Noticiário, aplaudindo o gesto nobre da GAZETA MINEIRA de ter publicado tão importante relatório para a história de São João del-Rei.

Francisco José dos Santos Braga

Link: <https://bragamusician.blogspot.com/2019/09/projeto-de-1891-para-nova-capital.html>

"Um experimento socialista"

Um professor de economia na universidade Texas Tech disse que ele nunca reprovou um só aluno antes, mas tinha, uma vez, reprovado uma classe inteira.

Esta classe em particular tinha insistido que o socialismo realmente funcionava: ninguém seria pobre e ninguém seria rico, tudo seria igualitário e 'justo'.

O professor então disse, "Ok, vamos fazer um experimento socialista nesta classe. Ao invés de dinheiro, usaremos suas notas nas provas." Todas as notas seriam concedidas com base na média da classe, e portanto seriam 'justas'. Isso quis dizer que todos receberiam as mesmas notas, o que significou que ninguém seria reprovado. Isso também quis dizer, claro, que ninguém receberia um "A"...

Depois que a média das primeiras provas foram tiradas, todos receberam "B". Quem estudou com dedicação ficou indignado, mas os alunos que não se esforçaram ficaram muito felizes com o resultado.

Quando a segunda prova foi aplicada, os preguiçosos estudaram ainda menos - eles esperavam tirar notas boas de qualquer forma. Aqueles que tinham estudado bastante no início resolveram que eles também se aproveitariam do trem da alegria das notas. Portanto, agindo contra suas tendências, eles copiaram os hábitos dos preguiçosos. Como um resultado, a segunda média das provas foi "D". Ninguém gostou.

Depois da terceira prova, a média geral foi um "F". As notas não voltaram a patamares mais altos mas as desavenças entre os alunos, buscas por culpados e palavrões passaram a fazer

parte da atmosfera das aulas daquela classe. A busca por 'justiça' dos alunos tinha sido a principal causa das reclamações, inimizades e senso de injustiça que passaram a fazer parte daquela turma. No final das contas, ninguém queria mais estudar para beneficiar o resto da sala. Portanto, todos os alunos repetiram o ano... Para sua total surpresa.

O professor explicou que o experimento socialista tinha falhado porque ele foi baseado no menor esforço possível da parte de seus participantes.

Preguiça e mágoas foi seu resultado. Sempre haveria fracasso na situação a partir da qual o experimento tinha começado. "Quando a recompensa é grande", ele disse, "o esforço pelo sucesso é grande, pelo menos para alguns de nós."

Mas quando o governo elimina todas as recompensas ao tirar coisas dos outros sem seu consentimento para dar a outros que não batalharam por elas, então o fracasso é inevitável."

"É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade. Cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber. O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém. Quando metade da população entende a idéia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação.

É impossível multiplicar riqueza dividindo-a."

Fonte: Internet

Irene Caputo de Assis



Heróis! Afinal quem são eles? Existem muitas definições: os fictícios, os bombeiros, os policiais, médicos, nossos pais... Já que estamos falando deles, irei contar uma história...

No dia 08 de outubro de 1943 nasceu em São Paulo uma super heroína chamada Irene Caputo de Assis, com muitos super poderes como: persistência, honestidade, determinação e força. Ela salva o mundo fazendo trabalhos voluntários, doando, participando das entidades filantrópicas, fazendo visitas. Tudo isso sem receber nada em troca.

Desde pequena já gostava de fazer o bem, sem olhar aparência, condições financeiras. Com apenas 17 anos, nossa heroína fundou uma mercearia que funciona até hoje. Naquele tempo não discutia igualdade de gênero, os direitos femininos não eram consagrados por leis, e D. Irene já se destacava como mulher independente, forte, que vai à luta e não espera acontecer.

E teve uma época em que política era assunto só para homens. D. Irene não se intimidou. Tornou-se a primeira vereadora eleita para ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de São Tiago. Foi uma vereadora atuante. Zelou pelo cumprimento das leis, protegendo sempre os mais fracos. Participou de votações importantes como projetos orçamentários, nomenclaturas de vias públicas e da cassação do então prefeito da época. Sua polivalência e segurança tão incomuns a tornaram uma mulher guerreira e admirável.

Criou vários laços de amizade, tanto na prefeitura, quanto na vida pessoal. Mas também com tantos super poderes é muito difícil resistir a sua simplicidade e amor.

Diariamente pratica atos heróicos, seja com doação de alimentos àqueles que necessitam, seja por um simples aconselhamento a pessoas que se encontram inseguras diante de um problema, seja por uma conversa afetiva, ou por levar o seu apoio a quem precisa. A verdade é que nossa heroína compartilha sua experiência e sabedoria de vida com todos a sua volta.

D. Irene representa o empoderamento da mulher em nossa sociedade. Foi e continua sendo um marco na história de São Tiago, por isso ela é nossa heroína!

(Caio A. S. Neves, Diego Vinícius, Jhonata M. S. Siqueira, Josilaine A. Almeida, Maria Luíza A. Reis, Pedro Lucas D. Sousa)



Maria das Dores de Paula



Em 28 de março de 1927, nasceu em São Tiago uma super heroína. Mas não uma heroína comum. Ela não tem super força e nem super velocidade, mas sim um super coração e muito sentimento.

Essa é a senhora Maria das Dores de Paula, mais conhecida como D. Dote.

Sabe o que ela faz para ajudar o mundo? Ela auxilia as pessoas com o que pode: faz festas para as crianças no dia de São Cosme e Damião e também no dia 12 de outubro.

Isso ela faz já há 40 anos, o que vamos combinar que não é pouco tempo. Mas o melhor é que ela faz isso tudo com um sorriso no rosto e nos olhos, o que todos percebem. E ainda diz que o coração a pede para ajudar o próximo.

Desde criança, quando lavava roupa e carregava lenha na cabeça, já alimentava a esperança de ajudar as pessoas.

Quando sai à rua, pessoas que ela nem conhece vêm abraçá-la e lhe agradecer pelo seu ato de heroísmo em promover todos os anos uma festa gratuita às crianças.

Atos como o de D. Dote devem servir de exemplo a todos. Essa é a habitante que São Tiago ama e tem orgulho de falar que é uma heroína de verdade.



(Alan H. T. Ferreira, Alan L. Santiago, Brenda L. J. Vieira, Emili F. R. Reis,

Emily M. R. Silva, Frederico C. Eudice, Marcos V. Mendes, Richard K. S. Sousa)



Fazenda do Pombal

As terras onde Tiradentes nasceu, Ritópolis, MG

Viajar para Minas Gerais envolve motivações diversas: sua gastronomia, seu rico artesanato, sua arte em pedra-sabão e madeira, seus móveis de demolição e, sobretudo, sua memória histórica. Caminhar por algumas cidades mineiras, sobretudo as que abrigam, ao longo de suas ruas, antigos casarões coloniais e igrejas, que datam, grande parte delas, do século XVIII, nos traz a sensação de voltar no tempo. Nossa motivação foi a experiência tátil da história. Imaginar quantas gerações caminharam pelas ruas que caminhamos, quantas mudanças o tempo trouxe, é fascinante. Foi em busca deste fascínio pela memória, que resolvemos pegar estrada rumo à Fazenda do Pombal, onde Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes - nasceu.



A caminho da Fazenda do Pombal, margeando o Rio das Mortes. Ritópolis, MG. Imagem: Janaína Calaça



Rio das Mortes. Imagem: Erik Pzado



Placa em homenagem ao bicentenário da morte de Tiradentes. Fazenda do Pombal, Ritópolis, MG. Imagem: Janaína Calaça

Saímos da Pousada do Ó, em Tiradentes, logo cedo rumo a Ritópolis, município mineiro localizado a poucos quilômetros de São João Del Rei. Pegamos então a BR-494 sentido Ritópolis, percorremos por volta de 5km na estrada e depois pegamos uma estrada de terra, que, depois de 4 km, nos levou à Fazenda do Pombal. Durante grande parte do trajeto, margeamos o Rio das Mortes –

um rio que passa/ corta alguns municípios mineiros. Ao longo do percurso, pequenos sítios e casas de ribeirinhos são avistados, o que mantém viva a rota para a terra onde Tiradentes viveu durante alguns anos.



Um pouco tarde demais... Fazenda do Pombal, Ritópolis, MG. Imagem: Erik Pzado



Ponte sobre o Rio das Mortes. Fazenda do Pombal, Ritópolis, MG. Imagem: Erik Pzado



Erik querendo levar um caldo no Rio das Mortes. Fazenda do Pombal, Ritópolis, MG. Imagem: Janaína Calaça

A Fazenda do Pombal – considerada hoje patrimônio histórico nacional – está aberta à visitação de segunda à sexta e não é preciso pagar nenhuma taxa para conhecer a propriedade. O local pertenceu à família de Tiradentes, que nasceu naquelas terras em 1746. Apesar de ter vivido poucos anos na fazenda (Tiradentes viveu grande parte de sua vida na região que hoje faz parte de Ouro Preto), o principal símbolo da Inconfidência Mineira – que lutava pela independência do Brasil em relação a Portugal – tem na fazenda um pequeno memorial. Várias placas foram afixadas em um totem de pedras em sua homenagem, principalmente as que lembram o bicentenário de sua morte – ele foi executado em 21 de abril de 1792 e partes do seu corpo foram expostas na estrada que ligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais.



Resgatei o "hômi" da ponte cai-num-cai. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado



Ruínas da casa onde Tiradentes nasceu. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado



Ruínas da casa onde Tiradentes nasceu. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado



E a história resiste ao tempo. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado



O passado ficando para trás. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado

OUTRAS INFORMAÇÕES:

-Localização: BR-494 (Tomar a estrada para Ritápolis, andar 5 quilômetros, entrar à direita em estrada não pavimentada e andar mais 4 quilômetros).

-Telefone: (32) 3356-1264

-Horário de Funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 7h às 16h.

-Agradecimentos: A Alan, da Pousada do Ó, por nos receber nesta viagem.



Ruínas da casa onde Tiradentes viveu. Fazenda do Pombal, Ritápolis, MG. Imagem: Erik Pzado

Fonte: <http://hom.jeguiando.com.br>

TIAGO ADÃO LARA

Filósofo, escritor, pedagogo, ex-Salesiano, um intelectual conhecido de muitas gerações de universitários.

Leccionou na Universidade de São João del Rei e de Uberlândia.

Ex padre da Congregação Salesiana onde militou por muitos anos, exercendo o magistério e o Sacerdócio.

Deixou seus sábios pensamentos cravados na memória de muitas gerações de estudantes e de vasto número de amigos.

Com sua sensibilidade e inteligência deixava em cada frase pronunciada um ponto para reflexão.

Não impunha seu pensamento, mas suscitava discussões em torno dele.

Seus livros são a prova de sua independência filosófica e da capacidade de inquietar o outro, de proporcionar reflexão em torno de ideias.

Homem inteligente e simples. Profundamente cristão, fazia do texto bíblico o norte de sua vida.

Um são-tiaguense que sempre honrou sua terra com ações, palavras e presença.

Quando de sua ordenação Sacerdotal fez questão que a Pia Batismal da Igreja Matriz de São Tiago, onde fora batizado, fosse lindamente ornamentada.

Esteve sempre ao lado de Monsenhor Elói, na orientação de muitas atividades paroquiais e na realização das festas locais, especialmente preferindo belos e profundos Sermões nas Semanas Santas que vinha, com entusiasmo, celebrar.

Visitando-o em Juiz de Fora no dia 23 de agosto deste ano, já bastante debilitado, deixou-me mais uma de suas reflexões dizendo-me: "O homem é inteligente para inventar o que facilita a sua vida, mas não é igualmente inteligente para usar o que inventa".

Isso dentro do contexto de se comentar o uso exagerado, e muitas vezes inconveniente, do whatsapp e outras redes sociais.

Tiago Lara muito valorizou e incentivou o Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago marcando presença em lançamento de livros, Sarau, coordenando o inesquecível Café Filosófico, enviando Livros, especialmente os de sua autoria, para IHGST.

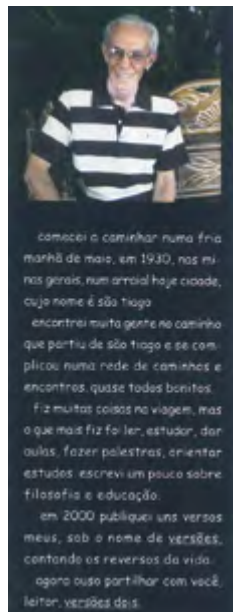
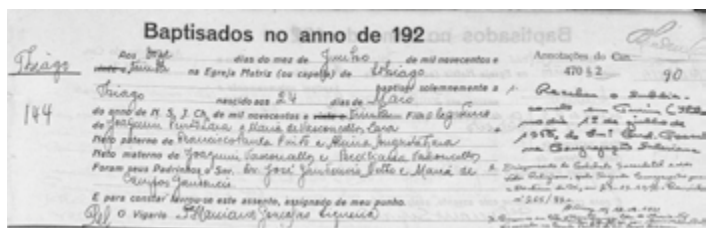
Deixa-nos um legado de vasta cultura e intensa simplicidade.

Ser humano invejável.

Nossa homenagem e imorredoura admiração.

Orgulho de tê-lo como conterrâneo.

*Maria de Lourdes (Cairu)
(Membro do IHGST e amiga particular).*



comecei a caminhar numa fria manhã de maio, em 1930, nas minhas terras, num arraial hoje cidade, cujo nome é São Tiago
encontrei muita gente no caminho que partiu de São Tiago e se complicou numa rede de caminhos e encontros, quase todas bonitas.
Fiz muitas coisas na viagem, mas a que mais fiz foi ler, estudar, dar aulas, fazer palestras, orientar estudos, escrevi um pouco sobre filosofia e educação.
em 2000 publiquei uns versos meus, sob o nome de versões, contando os reversos da vida, agora uso partilhar com você, leitor, versões de si.



não sou cidadão
mas vilão
meu berço foi vila
minha escola arraial
conceito igual

o arraial em que nasci
tinha toda sua graça
numa praça

o arraial em que cresci
acontecia numa rua
conprida sinuosa e nua

sou vilão por nascimento
sou vilão por crescimento
sou vilão
por opção

na vila que é arraial
lição aprendi sem igual
mais importante
que compra e venda
é amizade e prenda

aprendi que a praça
e que a rua
são para gente
para os bichos
para o sol
e para a lua
são do velho
do enfermo
da criança
de qualquer um
sem fiança

vilão
por nascimento
por crescimento
por opção
reivindico
a praça
e a rua
para toda gente

e é coisa urgente

TAL – simplesmente HUMANO

Tiago Adão Lara, o TAL que quis simplesmente SER (Adão) HUMANO e o foi abundantemente.

Mente brilhante, sem estrelismos.
Inteligência perspicaz e modesta.
Coração amoroso e generoso.
Sensibilidade refinada e bela.

Retidão de vida irreparável.
Aguçado senso de justiça e solidariedade.
Fé sólida, liberta e madura.
Amante da Palavra e do Projeto
de Jesus de Nazaré.

Respeitoso da Tradição
e livre para alçar voos renovadores.
Estradeiro inquieto e paciente
Com a marcha da História.

Mestre sem louros,
provocador de caminhos novos.
Amigo da Sabedoria,
cultor das Letras e da Poesia.
Amado-amante
da Mulher das mulheres, Maria Helena.

TAL, mestre, irmão-companheiro,
foi um privilégio fazer parte de sua história.
Suas marcas permanecerão em nós,
sempre! Você vive em nós!

Com carinho, estima e saudades,
nossa eterna GRATIDÃO.

Estamos certos de que no reencontro
com o Amor Infinito, você ouvirá
a sentença dos justos:

“Venha, servo bom e fiel,
gozar das alegrias preparadas
para aqueles que trilharam os meus caminhos”!

Descanse em paz e até breve.

Texto de José Horário. CEBI Uberlândia